

Mal-estar e novo normal: políticas e efeitos no corpo

Ingrid Rohem de Souza Santos e
Priscylla de Magalhães Costa

Resumo

Com Lacan, estamos advertidos de que não há realidade senão de discurso, e que o discurso pode tocar o corpo em seu real. Assolado pelo real da pandemia, o sujeito vive os efeitos da peste, e temos notícia disso em nossa clínica. O presente trabalho propõe uma reflexão acerca do que vem se produzindo nesse contexto pandêmico, do ponto de vista das relações dos sujeitos com tal realidade e o que ela descortina, perpassando o campo do gozo, da política e a lógica do dito “novo normal”. Observamos que o real da pandemia fez disfuncionar a lógica da cadeia produtiva: o projeto de poder vigente respondeu com negacionismo — cujo custo é arcado pelo sujeito com seu corpo, podendo-lhe custar até a vida; ao psicanalista, coube acolher cada sujeito em seu caos singular, sem isentar-se de seu compromisso com a pólis.

Palavras-chave:

Política; Corpo; Mal-estar; Psicanálise; Pandemia.

Discontents and new normal: policies and effects on the body

Abstract

With Lacan, we are aware that there is no reality but discourse, and that discourse can touch the body in its real. Devastated by the reality of the pandemic, the subject is experiencing the effects of the plague, and we have news of this in our clinic. This work proposes a reflection on what has been produced in this pandemic context, from the point of view of the subjects' relations with such reality and what it unveils, passing through the field of jouissance, politics and the logic of the so-called “new normal.” We observe that the reality of the pandemic has disrupted the logic of the production chain: the current power project responded with denial — the cost of which is borne by the subject with his body, which may cost him even his life; it was up to the psychoanalyst to welcome each subject in his unique chaos, without exempting himself from his commitment to the polis.

Keywords:

Politics; Body; Discontents; Psychoanalysis; Pandemic.

Malestar y nuevo normal: política y efectos en el cuerpo

Resumen

Con Lacan, se nos advierte que no hay realidad sino discurso, y que el discurso puede tocar el cuerpo en su real. Asolado por lo real de la pandemia, el sujeto experimenta los efectos de la peste, y tenemos noticia de ello en nuestra clínica. El presente trabajo propone una reflexión sobre lo que viene ocurriendo en este contexto pandémico, desde el punto de vista de las relaciones de los sujetos con esta realidad y lo que ésta revela, permeando el campo del goce, la política y la lógica del llamado “nuevo normal”. Observamos que lo real de la pandemia ha disfuncionado la lógica de la cadena productiva: el proyecto del actual poder contestó con negacionismo, cuyo costo corre a cargo del sujeto con su cuerpo, que puede costarle incluso la vida; le correspondió al psicoanalista acoger a cada sujeto en su caos singular, sin eximirse de su compromiso con la polis.

Palabras clave:

Política; Cuerpo; Malestar; Psicoanálisis; Pandemia.

Malaise et nouveau normal: politique et effets sur le corps

Résumé

Avec Lacan, nous sommes avertis qu’il n’y a pas de réalité sauf du discours, et que le discours peut toucher le corps à son réel. Frappé par le réel de la pandémie, le sujet subit les effets de la peste, et nous voyons ça dans notre clinique. Le présent travail propose une réflexion sur ce qui s’est passé dans ce contexte pandémique, du point de vue des relations des sujets avec cette réalité et ce qu’elle révèle, imprégnant le champ de la jouissance, de la politique et de la logique du soi-disant « nouveau normal ». On a observé que le réel de la pandémie a bouleversé la logique de la chaîne de production : le projet du pouvoir actuel a répondu avec négationnisme — dont le coût est supporté par le sujet avec son corps, ce qui peut lui coûter même la vie ; c’est au psychanalyste d’accueillir chaque sujet dans son chaos singulier, sans se dispenser de son engagement dans la polis.

Mots-clés :

Politique ; Corps ; Malaise ; Psychanalyse ; Pandémie.

Brasil, março de 2020: avanço do coronavírus e início de uma quarentena.

Um vírus com alta taxa de contágio se espalhou pelo mundo, instaurando uma situação de pandemia e inaugurando um *modus operandi* diferente. Os meios de comunicação veiculavam, incessantemente, anúncios recomendando a adoção de práticas em prol da proteção contra o vírus — como uso de álcool gel, lavagem frequente das mãos e, posteriormente, também o uso de máscaras. O *home office* foi aderido por muitos, individual e coletivamente, em empresas, na tentativa de manter o trabalho e garantir o distanciamento social.

A pandemia do coronavírus produziu um cenário, entre outras coisas, de instabilidade e desamparo nos mais diversos âmbitos da vida — político, de saúde, social, econômico. É preciso se proteger e proteger o outro — é preciso se proteger do outro.

Fica evidente que a peste desorganiza o campo do simbólico na pólis, e é preciso encontrar uma forma de estar no laço social, ainda que o real nos irrompa.

“Não sabem que estamos lhes trazendo a peste!” — teria afirmado Freud, ao avistar a Estátua da Liberdade em sua chegada ao Novo Mundo, no ano 1909. A convite de Stanley Hall, professor da Clarke University, de Manchester, Freud (1910/1969) pronunciou conferências que resultaram em *Cinco lições de psicanálise*. Enquanto peste, a psicanálise descontinuou a lógica do palpável como única dimensão, descortinando um mais além que sempre esteve ali — foracluído pelo campo da medicina —, produzindo realidades e efeitos. Deslizando o significante *peste* para seus inúmeros significados a partir da pandemia, é possível pensar em como realidades e laços sociais foram também descortinados. Como efeito, escancarou-se aquilo que sempre esteve ali: a desigualdade social, os furos do sistema vigente e os furos dos outros, até então camuflados pelos arranjos das rotinas.

O risco imputado pela pandemia segmenta/fragmenta os corpos em partes que vão ganhando notoriedade e aparatos. Ela imprime, para alguns, uma percepção detalhada daquilo que antes operava silenciosamente. Submetidos ao isolamento e distanciamento social, fala-se em corpos potencialmente portadores de um risco, de corpos vulneráveis a um perigo invisível. Seria o corpo sempre o mesmo? Seria o mesmo em algum momento?

Assolados pelo desamparo, os corpos distanciados buscam recursos para que o isolamento não seja social e, para tanto, servem-se de recursos, como as videochamadas, para sustentarem as relações. A vida nos moldes da *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock, ganha novas versões. As janelas nem sempre são as dos apartamentos, mas também as virtuais, de conversas em aplicativos, de reuniões, nas quais o sujeito decide o que e como revelar do cenário, mas também por onde sempre escapa algo desse mesmo arranjo, da intimidade que se revela.

A clínica, que também passou a ser pela via dos aplicativos, é terreno fecundo para pensar o que há de possível nos (des)encontros dos relacionamentos. Com um

pouco mais de tempo para olhar para si e para os outros, muitas questões reverberaram nesse isolamento. Não são incomuns relatos de pessoas que se dizem hoje mais próximas de amigos e familiares do que o eram no ritmo dito “normal” da vida, antes da pandemia. Muito embora a psicanálise se ocupe de um sofrimento singular a cada sujeito, não existe sujeito fora da política e, portanto, não há sintoma fora da cultura. Somos seres forjados pela linguagem, constituídos no campo do Outro, alienados a seu desejo e a seus significantes. É esse laço com o Outro que constrói a moldura para a realidade e nos dá balizamento para sermos no mundo.

Mal-estar *versus* novo normal: o que faz corpo?

Diante da instabilidade instaurada pela pandemia em cenários diversos, é do contexto econômico que parte a expressão “novo normal”, cunhada por Mohamed El-Erian — empresário egípcio-americano, conselheiro econômico da Allianz, para se referir às condições que serão encontradas pelos mercados no momento pós-crise, pós-pandemia, considerando que não se tratará de um retorno a uma condição inicial, mas da chegada a um novo cenário, com novas exigências.

A expressão “novo normal” vem ganhando notoriedade em contextos diversos, sendo referida a modos de vida, consumo, moda, comportamento; já se disseminou por nosso vocabulário e, portanto, por nossas relações, como construção no campo simbólico, passando a interessar, assim, não só ao contexto financeiro e empresarial. Faz-se necessário, portanto, que, sob a ótica da psicanálise, coloquemos a questão dos efeitos desse movimento para o sujeito.

O termo “normal” se refere àquilo que está de acordo com a norma, com a regra, algo comum — como um, ideia de universalização. Comum a todos — todos como um. A norma generaliza.

A instauração de uma nova norma diria respeito a um formato, um modelo que servisse de referência a todos, em um momento em que a norma até então vigente falha, fica obsoleta, por não contemplar as condições atuais da existência?

É certo que o real sempre incide e que, por isso, toda experiência transforma, muda algo. O sujeito não tem um lugar natural. Isso corrobora, em alguma medida, o que se vislumbra para o mercado econômico e financeiro, para o comportamento das empresas em um futuro próximo, e nos permite estender esse vislumbre também para o âmbito social, para as relações, já que o real incide sobre o sujeito e sobre sua forma de estar no laço. Não há, portanto, possibilidade de retorno a uma condição inicial e supostamente original. Pode-se até negar isso — negar a pandemia, a periculosidade do vírus, a devastação causada na sociedade —, mas não se retorna da mesma maneira.

A pandemia evidencia nosso desamparo, que, sabemos, é existencial. E, diante disso, o sujeito busca se firmar a partir de alguma estrutura, e, possivelmente, vale-se do “novo normal” como um recurso para isso. É a ideia de que há referência

ao velho no novo, já que por normal entendemos aquilo que já se instituiu, que já é conhecido. O sujeito busca referência na norma para tentar aplacar seu mal-estar; no entanto, sabemos, com Freud (1930/1969), que a cultura — na qual se fundam as instituições, as regras e, portanto, as normas — é produtora de mal-estar, a partir do embate entre as forças civilizatórias e as exigências da pulsão.

Seria, então, o “novo normal” uma tentativa de resposta ao mal-estar? Como se a norma fosse responsável pelo bem-estar e pelo apaziguamento dos conflitos, o “novo normal” é a busca de que uma nova norma se estabeleça em meio ao caos, ao estranho, diante do desamparo evidente? A aderência à proposta do “novo normal” é, em alguma medida, uma forma de denegação, como uma escolha na tentativa de não se haver com a própria vulnerabilidade, com a castração? Em meio à pandemia, quem vive normal-mente?

Ainda em “O mal-estar na civilização” (1930/1969), Freud situou três fontes inevitáveis de mal-estar: a inadequação das regras que procuram ajustar relacionamentos mútuos, o poder superior da natureza e a fragilidade de nossos próprios corpos. Entre tantas coisas, a pandemia recolocou a relação dos sujeitos com o mal-estar e a angústia.

Nessa realidade chamada de “novo normal”, o corpo, palco de manifestações e expressões, adquire um cuidado outro diante da fragilidade escancarada. No Brasil, os hábitos culturais de falar próximo, abraçar, beijar, dar as mãos passam a ser substituídos por um ritmo gestual e afetivo que comporta adaptações.

Em psicanálise, entendemos que o corpo não é somente instrumental, tampouco é aquilo que somos. Tal como o sujeito, é edificado na linguagem, construído na relação com o Outro — servindo de território para histórias, vivências e trocas. Ao longo da vida, o sujeito faz um corpo e faz com o corpo, tecendo, a muitas mãos, esse limite físico entre o eu e o outro, trazendo em si a marca do tempo, da finitude e uma incidência da lei. O corpo é pensado nos três registros: dentro do conceito de inconsciente, temos o simbólico; o organismo, que é o imaginário; e a carne, que é a própria experiência impossível de corpo — experiência que nos dá um corpo além do corpo que nos representa, mas sobre o qual nos é possível dizer a respeito (Lacan, 1972-1973/1993).

Diante disso, o que faz corpo nesse “novo normal”? O que faz corpo nessas relações atravessadas pelos lutos dos gestos afetivos, que eram tão comuns? E o que marca a presença nessas relações, hoje permeadas por aplicativos e imagens em telas de computadores e celulares?

O que se faz corpo é sua representação psíquica, e isso se dá de diversas maneiras: o olhar, a voz, a linguagem, o silêncio, as ausências, enfim, uma multiplicidade de formas, em que o sujeito se faz advir como presença.

Quinet (2019) cita o corpo estruturado como uma linguagem, e Lacan (1955-1956/1985) fala do inconsciente estruturado como uma linguagem. Corpo e in-

consciente se entrelaçam nesse ponto, e sabemos de uma energia pulsional que está para além do corpo, como uma imagem. O sujeito insere, portanto, sua imagem no simbólico. Não basta um corpo concreto, palpável, em contato próximo; é preciso mais, ainda.

Lacan (1964/1985), ao abordar o inconsciente, afirma que não pôde separá-lo da presença do analista. De acordo com ele, nosso espaço psíquico não é definido pelas categorias *a priori* de Kant, espaço e tempo. Em psicanálise, o tempo é lógico, determinado pelo *a posteriori* da significação. Dessa maneira, o espaço psíquico não é o da métrica, e, sim, é determinado pelo real das pulsões e dos afetos, o simbólico da linguagem e o imaginário dos corpos (Quinet, 2019).

A presença do analista é aquela que promove o encontro com a tiquê, com o real. Sendo assim, a presença se dá em um mais além do corpo imaginário, podendo acontecer em ambientes virtuais ou não.

O “novo normal” e a lógica capitalista

A norma não é capaz de salvar o sujeito de seu mal-estar; ao contrário, ela compõe o embate da civilização com a pulsão; aquilo que escapa aos parâmetros da norma, ao como-um, revela sua falibilidade e também algo próprio do sujeito. Com a proposta de “novo normal”, tenta-se legitimar uma normalidade em meio ao estado de exceção em que vivemos, e, dessa forma, naturaliza-se a morte dos rebotalhos, demonstrando que a norma de que se trata, de fato, de nova não tem nada, no que tange a seus princípios norteadores.

Freud, em “O mal-estar na civilização” (1930/1969, p. 355), diz-nos: “O medo da rebelião dos reprimidos leva a rigorosas medidas de precaução.” E, durante esse grave período de pandemia, muito disso pode ser observado nos projetos de poder em nosso país.

O real da pandemia faz disfuncionar a lógica da cadeia produtiva, de que se alimenta e com o que se constrói o capitalismo. A ameaça ao corpo que produz, a esse corpo proletário, é ameaça à cadeia produtiva, ao sistema. Com isso, o governo em exercício — governo de extrema direita, caracterizado por seu conservadorismo, discurso de ódio às minorias, negacionismo da pandemia e promessas fincadas na prosperidade econômica — nega e tenta invisibilizar os riscos e a vulnerabilidade dos corpos com o véu de uma normalidade produzida e propagada a serviço de certa adaptação, tentando tamponar o real que advém, produzindo miragens de normalidade.

Uma política cuja premissa está ancorada na possibilidade de restituição total de gozo aos corpos — que sabemos ser da ordem do impossível — por meio do consumo, que tenta suprimir o intervalo e, portanto, nesse momento, incita os corpos a circularem livremente, com o discurso das individualidades e liberdades fundamentais. O custo disso é arcado pelo sujeito, com seu corpo, e, sobretudo nesse contexto de pandemia, ele pode pagar com a própria vida.

Em *A psicanálise na civilização*, Colette Soler (1998, p. 259) discorre sobre o que chama de “adaptação à realidade” — à qual o sujeito é induzido com e através de seu corpo e cuja contrapartida se verifica pelo sintoma: “estamos fundamentados para opor o sintoma à adaptação à realidade, a qual não passa de adaptação à demanda de um discurso”. O sintoma é, portanto, a subversão do sujeito diante da ordem instituída.

É com seu sintoma que o sujeito responde, como tal, já que este, como nos diz Soler (1998, p. 258), “é um gozo que se faz valer apesar do comando e do consentimento”, ou seja, um gozo que comparece mesmo diante da tentativa de aniquilação do sujeito pela universalização. Um gozo que não se governa. O sintoma vai, então, na contramão da sintonia (Soler, 1998), bem como o psicanalista, que, ao tratá-lo, não busca uma retificação que promova a reinserção do sujeito em uma via de adaptação.

À medida que diz do gozo do sujeito, ou seja, de seu impossível de universalizar, o sintoma é um disfuncionar do sujeito em relação à lógica vigente. E isso pode ser testemunhado na clínica, ao acolhermos a singularidade de cada sujeito que nos endereça em meio a um caos mundial, para dar lugar a seu próprio caos. Assim, o psicanalista faz valer sua política, que é o inconsciente.

O que pode, então, o psicanalista no novo normal? Haveria um novo normal da psicanálise?

A psicanálise lida com o novo e o de novo do sujeito. O primeiro, que diz respeito ao que se pode construir em nome próprio em uma análise; o segundo, que remete à sua repetição e, portanto, diz de seu sintoma. O psicanalista não busca normalizar as consequências da incidência do real. Mesmo quando sai do consultório e passa ao ambiente virtual, o analista não corrobora uma suposta nova normalidade; ao contrário, ele sustenta e opera com a subversão de uma experiência analítica.

O que pode o psicanalista?

Em *O inconsciente teatral*, Quinet (2019) aborda o corpo enquanto estruturado como uma linguagem, a linguagem da pulsão. Ao pensarmos na manutenção dos objetos pulsionais, o corpo transcende a nós mesmos, porque é libidinal — e pode manter sua presença mesmo no campo virtual. Pensando em nossa prática atualmente, temos evidências, com as análises *online*, de que é possível a presença do analista, pois o inconsciente está presente na transferência.

Em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, Freud (1912/1969) pontua que existe apenas uma regra fundamental na psicanálise: a associação livre. Porém, deixa recomendação acerca da técnica e elucida uma dissimetria na prática analítica: há uma regra para o analisante, associar livremente, enquanto o analista trabalha com uma posição esvaziada de certezas.

Colette Soler (1987) define que se, por um lado, a associação é livre, por outro a interpretação não tem a mesma liberdade. Esta tem suas condições calcadas justamente na transferência, mas o modo fica a cargo do analista, pois não há regra fundamental que o contorne. Entre o saber e o analista, demarca-se um espaço vazio, uma lacuna.

Na falta de saber quando e como fazer, o analista é convocado a fazer-como, ou seja, obrigar-se a inventar. Isso corrobora a presença de recomendações e condições de análise, e não de normas; e, diante da pandemia que nos acomete, o analista se (re)inventa, sustentando com os analisantes o endereçamento da associação livre e permitindo o encontro com o real.

Freud postulou que a transferência se processa quando há algo no material complexo do sujeito, formado por ideias conscientes e inconscientes, que é endereçado, ou seja, transferido para a figura do analista. Com Lacan, o analista é inserido, capturado na cadeia significante do analisante.

No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1985, p. 121) indica que “A presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente”, afirmando que, ao abordar o conceito de inconsciente, não pôde separá-lo da presença do analista. Primeiramente, a transferência é imaginária, é a imagem que é capturada. No entanto, a transferência que sustenta a análise é a transferência simbólica — sai do terreno da imagem, enlaça o analisante e o paciente. O analisante recolhe do analista um significante, o qual sustentará toda a análise. A sustentação de uma análise não é, portanto, da ordem do imaginário — bem como se experiencia em tempos de covid-19.

Mais-ainda

A pandemia gera, para muitos, um sentimento de vida interrompida, paralisada, em que não se podem fazer planos, em que é preciso recolher alguns investimentos, suspender as urgências subjetivas diante dessa situação de ameaça à sobrevivência; para outros, a denegação é uma escolha na tentativa de não se haver com a própria vulnerabilidade, com a castração.

O corpo é palco do sintoma e é afetado pela política. É sobre o corpo que repousam os imperativos sociais, culturais e também os efeitos dos projetos de poder. E é também sobre ele que intervém o sintoma.

Na medida em que causa sofrimento ao sujeito, é por meio do sintoma que o sujeito se endereça ao analista; este, por sua vez, por meio de sua política do inconsciente, fará operar, com seu ato, uma abertura, permitindo ao sujeito respirar em um mundo irrespirável, como mencionou Lacan (1973-1974) em entrevista.

Colette Soler (1998) enfatiza as indicações de Lacan sobre o alcance político que a psicanálise tem, demonstrando que tais indicações aparecem em diversos

textos do ensino lacaniano, e não exita em dizer que Lacan é insistente com “o que se poderia chamar de o ser-para-seu-tempo do psicanalista” (Soler, 1998, p. 257).

Em meio ao caos mundial, estando o analista convocado a acolher cada sujeito e seu caos singular, isso não o isenta de seu compromisso com a pólis. Ao contrário, é parte dele.

No Brasil, o abandono diante da calamidade é travestido de zelo pela economia e pelos possíveis danos sociais em decorrência de sua possível decadência. O governo metaforiza a recomendação mundial para lavar as mãos. E o faz com sangue, ao furtar-se de sua função. Ao mesmo tempo, tenta tamponar o real que advém, produzindo miragens de normalidade.

Em nada coincide a orientação da psicanálise pela singularidade com tais práticas de individualização anárquica, uma vez que, sabemos, é no laço social que o sujeito se constitui e é com seu corpo que ele faz laço.

O caos exige muito trabalho, exige imenso esforço subjetivo e exaure os corpos. O real incide sobre o sujeito, não há escapatória, não tem como o real não incidir. E, conseqüentemente, nenhuma experiência é sem efeito, mesmo para aqueles que preferem negá-la.

Em meio ao caos, na tentativa de recomposição psíquica, o sujeito busca se orientar pelas referências simbólicas, a partir de canais de informação e pessoas que ocupem uma posição referencial para a sociedade.

Luto, investimento ou elaboração, não há possibilidade de construção subjetiva fora do laço. E o psicanalista, advertido disso, lida com os percalços do real que se impõe, faz com ele, assumindo sua práxis de palavras que atingem o corpo; sustenta a experiência analítica, fazendo operar sua política — o inconsciente.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1969). Cinco lições de psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 3-51). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 147-159). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1969). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XI, pp. 355). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Lacan, J. (1973-1974). Declaration à France Culture. *Le Coq-Héron*, (46-47), 3-8.
- Lacan, J. (1980). A terceira. In J. Lanca. *Atas da Escola Freudiana de Paris* (pp. 159-186). Barcelona: Ediciones Petrel. (Trabalho original publicado em 1974)

- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 121). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1993). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (1995). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Quinet, A. (2019). *O inconsciente teatral – psicanálise e teatro: homologias*. Rio de Janeiro: Atos & Divãs Edições.
- Soler, C. (1987). Standards e não standards: a propósito das entrevistas preliminares, do controle e da duração das sessões. In *Como se analisa hoy?* (pp. 100-123). Buenos Aires: Maratial.
- Soler, C. (1998). *A psicanálise na civilização* (pp. 257-259). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Recebido: 01/03/2022

Aprovado: 15/03/2022